

**ARTUR X FLÁVIO- IDENTIDADES EM (DES) AGREGAÇÃO  
NO ROMANCE *MARIA LUÍSA*, DE LÚCIA MIGUEL PEREIRA  
Edwirgens Aparecida Ribeiro Lopes de Almeida**

# ARTUR X FLÁVIO- IDENTIDADES EM (DES) AGREGAÇÃO NO ROMANCE *MARIA LUÍSA*, DE LÚCIA MIGUEL PEREIRA

Edwirgens Aparecida Ribeiro Lopes de Almeida

**RESUMO:** Publicado em 1933, o romance *Maria Luísa*, da escritora mineira Lúcia Miguel Pereira, põe em relevo a dinâmica das identidades de gênero nos primeiros anos do século XX, a partir do contato estabelecido entre a protagonista Maria Luísa e seu marido Artur com a personagem Flávio. Este consegue, através da sedução e dos galanteios, conquistar a amizade de Artur e o amor de Maria Luísa, intervindo na vida do casal e constituindo o espelho no qual ambos passam a refletir e a (des)construir suas identidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** identidades, espelho, desagregação, sedução

**RESUMEN:** Publicada en 1933, la novela *María Luisa*, de la escritora Lúcia Miguel Pereira, nacida en Minas Gerais, pone de relieve la dinámica de las identidades de género en los primeros años del siglo XX, a partir del contacto establecido entre la protagonista María Luisa y su marido, Arthur, con el personaje Flávio. Este consigue, a través de la seducción y el cortejo, conquistar la amistad de Arthur y el amor de María Luisa, al intervenir en la vida de la pareja, lo que constituye el espejo en el que ambos comienzan a reflexionar y (des)construir sus identidades.

**PALABRAS-CLAVE:** identidad, espejo, desglose, seducción

Sempre o mesmo Flávio [...] sempre a dispor dele como de coisa sua [...] Tinha medo de se deixar dominar de novo pelo déspota de outrora.

Narrador de *Maria Luísa*

Personalidade é essencialmente um ímpeto, um esforço [...]

Henry Bergson

Conhecida como historiadora da literatura, crítica literária e biógrafa de Machado de Assis, Lúcia Miguel Pereira investe, embora sem muito reconhecimento, na prática da escrita de ficção. Como destaca Patrícia da Silva Cardoso, sua produção como ficcionista ficou deslocada “para um discretíssimo pano de fundo” (CARDOSO, 2006, p. 500).

Atuante no campo das letras, Lúcia Miguel Pereira escreve, na década de trinta, três de seus quatro romances. Neste estudo, intencionamos examinar, no primeiro romance dessa autora, intitulado *Maria Luísa*, como a relação estabelecida entre as personagens Artur e Flávio é capaz de (re)construir a personalidade dos dois.

No romance *Maria Luísa*, as relações de gênero são marcadas pela manifestação dos valores tradicionais. Rompendo com a organização da família de Maria Luísa e Artur, a presença da personagem Flávio constitui um divisor de águas na estrutura interna dessa narrativa. Não é apenas a protagonista Maria Luísa quem ele seduz e influencia, também a Artur, seu amigo de infância. Este, apresentando as suas fragilidades, sentia-se dominado pela esposa, da qual sentia orgulho e, às vezes, inveja, embora não conseguisse se desvencilhar também da ação de Flávio sobre si mesmo.

Artur compõe uma personagem cujo procedimento configura-se como contraditório para os padrões tradicionais. Embora seja um homem trabalhador, provedor da família como prescreve a conduta patriarcal, apresenta as suas fraquezas acerca do controle sobre os filhos e a esposa, sendo influenciado por esta e pelo amigo Flávio. A respeito da crise financeira que assolou os negócios de sua cunhada Lola, Maria Luísa é quem incita o marido a emitir uma opinião: “Artur, instigado por Maria Luísa, protestou, mas em vão” (PEREIRA, 2006, p. 34). Nota-se a efetiva ação da esposa sobre as posturas do marido.

Por outro lado, é comum nas sociedades tradicionais, o homem envolver-se com outras mulheres sem ser censurado ou sentir receio, já que a ele são permitidas as relações públicas. De

acordo com o narrador, “na própria sociedade burguesa, os desvios matrimoniais dos homens constituíam motivos de riso mais do que de reprovação [...]” (PEREIRA, 2006, p. 101). Inclusive a igreja católica fez “vistas grossas” à questão porque acreditava que era uma forma de manter o controle e a organização social. Mas Artur, acreditando na pureza e na indefectível conduta de sua esposa, sentia-se incomodado com a ocorrência fortuita das suas relações fora do casamento. Pela voz conservadora do narrador, “Artur sentia tanto mais o rebaixamento que sofria com a austeridade da mulher, quanto tinha, a roê-lo, a lembrança de algumas infidelidades. Coisas ligeiras, aventuras sem conseqüências. Mas para quem tinha uma companheira dessas [...]” (PEREIRA, 2006, p. 15). A caracterização das traições como ‘coisas ligeiras, aventuras sem conseqüências’, põe em destaque a normalidade dessa conduta masculina. A partir daí, mesmo que o narrador seja desconhecido, fica evidente aqui, pelo seu enunciado, que, se ele não é do sexo masculino, possui um discurso bastante androcêntrico.

Com a chegada de Flávio da Europa, Artur revive algumas vaidades masculinas, por vezes adormecidas pelo convívio familiar. Indo ao encontro do amigo, acreditou ser mais plausível ir sozinho, pois a esposa era uma estranha para aquele. E ademais, os dois eram amigos de infância, precisam conversar sobre ‘assuntos de homens’.

E ele, Artur, também gostaria de poder falar livremente, entre homens; havia muita coisa que não poderia dizer diante de Maria Luísa [...] ela era tão austera. E, além disso [...] não era só Flávio que sabia levar a vida; ele também as gozava, uma vez ou outra – era homem, que diabo! – as suas horas de boemia; teria umas passagens engraçadas a contar. Era um bom marido, sem dúvida, e respeitava a família. Mas não era nenhum tolo. Sobretudo, não queria que o recém-chegado o tomasse como tal (PEREIRA, 2006, p. 43).

Essa reflexão da personagem, em conformidade com as idéias e práticas contemporâneas à escrita da ficção, remete-nos para fora dos limites do texto quando lembramos que é o próprio Graciliano Ramos (1962) quem acredita que a escrita de Rachel de Queiroz, contemporânea de Lúcia, fosse produção de homem, dizendo parecer coisa de sujeito barbado. Se há, de fato, distinção entre o discurso masculino e o feminino, no romance *Maria Luísa*, Lúcia Miguel Pereira inscreve, a nosso ver, um pensamento bastante machista e patriarcal, condizente com as ideologias do tempo em que foi produzido. Note-se como a personagem se posiciona acerca do sentido de gozo da vida. Para a mulher, é estabelecido que iniciava a gozar a vida após o casamento. E esse gozo estava restrito aos cuidados com a casa e com o marido, a educação dos filhos, os deveres religiosos e algumas horas de conversa enquanto cosiam alguns tecidos. Enquanto para o homem, os encontros extraconjugais e as reuniões festivas com os amigos são entendidos como naturais e necessários, e endossa ‘era um homem, que diabo!’. Essa permissividade dos prazeres descomprometidos dos homens é bem marcada no romance. Mesmo que Artur se sinta, por vezes, incomodado com as suas infidelidades, ele entende ser um comportamento natural do homem. Por esse matiz, a transgressão não deturpa as certezas de Flávio como ocorre com Maria Luísa, nem converte o seu preconceito acerca dos ‘casos amorosos’ da viúva Lola.

A infidelidade como fator desencadeador de mudanças e desequilíbrios somente se dá no plano feminino. No âmbito masculino, a certeza de Artur de ser ‘um bom marido, e respeitar a família’ acentuada pela expressão ‘sem dúvida’, põe em relevo que, nos padrões conservadores em que a obra foi construída, ‘ser bom marido’ está condicionado ao provimento, sobretudo material da família. As identidades pessoais, suas personalidades e suas posturas são construídas à custa das comparações e aparências. O trecho da narrativa citado anteriormente é sugestivo de que o homem

que não mantivesse relações amorosas fora do ambiente doméstico era entendido, aos olhos da sociedade, como ‘tolo’. Como destaca Artur acerca do que pensaria Flávio a seu respeito ‘não queria que o recém-chegado o tomasse como tal’. Neste sentido, a necessidade da auto-afirmação masculina se dá através da conquista e do exercício do sexo.

Essa construção da identidade assentada nas aparências sociais revela que o pensar do outro resulta em fator primordial às escolhas pessoais. Era preciso seguir um estigma masculino, que Elisabeth Badinter elenca como ser “rude, barulhento, beligerante; maltratar e fetichizar as mulheres; procurar somente a amizade dos homens, mas detestar os homossexuais; falar grosseiramente; denegrir as ocupações das mulheres” (BADINTER, 1993, p. 39). Frente a tais constatações, ao reiterar o caráter construído das identidades de gênero, é inevitável destacar a frase de Badinter, parafraseando Simone de Beauvoir: “[o] homem não nasce homem, ele se torna homem” (BADINTER, 1993, p. 29).

Em conformidade com o pensamento da época, Lúcia Miguel inscreve na ficção o preconceito masculino à participação feminina na esfera pública ao mesmo tempo em que é digno de nota a mudez da mulher. Se para Simone de Beauvoir falar é assumir poder, é fácil perceber na ficção o receio por esse poder feminino. (BEAUVOIR, 1980). Ora, notamos a estratégia da autora ao manter tal conduta de organização social patriarcal ao dar vida, em seus enredos, ao temor das mulheres pelo poder conferido pela fala, pelas transformações, contentando-se, apenas, com a consciência da fragilidade dessas relações. Andrea Nye postula que essas mulheres habituaram a ser vistas e não ouvidas (NYE, 1995). Sendo vistas, são evidentes as suas práticas. Não sendo valorizadas pelo que dizem melhor se torna o silenciamento. Com isso, a protagonista, embora cônica da importância da mudança de sua postura se torna abúlica, passiva e opta por não externar suas idéias. Por outro lado, é contraditório o procedimento da autora-mulher que, embora se dedique à escrita de crítica e de história literária, de textos de jornais e de romances, imprima, no romance em questão, uma inspiração condizente com os prescritos da época para a vida doméstica feminina, isto é, a observação seguida da apostasia e da resignação.

Voltando ao percurso da narrativa, a relação travada entre Artur e Flávio se dá desde pequenos, e, no espaço escolar, são reveladas as primeiras impressões da influência deste sobre aquele. Vê-se, a partir desse momento, a ação da educação familiar na formação da identidade pessoal de ambos e da vulnerabilidade da conduta de Artur. Flávio herdou as características do pai, que o havia abrigado juntamente com sua mãe, após o abandono desta por seu marido, “um oficial de marinha quase sempre embarcado”. Percebe-se que Flávio não possuía uma estrutura familiar sólida, uma vez que era fruto de uma relação casual da mãe e, desconhecendo a vida doméstica nos moldes tradicionais, denota certa aversão pelo casamento e pelos compromissos do lar. Agraciado pela facilidade da sedução e da conquista, era discreto, inteligente e ousado “possuía o dom perigoso de dominar, pela simpatia, a quantos se lhe aproximavam [...] muito vivo, muito gaiato, de um espírito malicioso e fino, era dessas naturezas que parecem estar sempre a fermentar” (PEREIRA, 2006, p. 44).

Artur era interno no colégio, pois o pai era viúvo e não podia mantê-lo em casa, enquanto Flávio, como externo, podia “levar para o colégio os ecos dos divertimentos a que o conduzia o pai”. Vê-se que a educação a que foi submetido era pautada na liberdade a que o narrador chama de “modernismos”, enquanto Artur seguiu o rigor do trabalho e da vida doméstica determinada pelo pai. Começada a amizade entre os dois, “ou mais exatamente de Artur por Flávio”, este

conseguiu brilhar entre os colegas. Em pouco tempo tornou-se o *leader* da turma. O que ainda aumentava a admiração do amigo. Tocava as raias da adoração, e do servilismo. Nas férias,

quando a convivência era mais íntima, mais se acentuava o domínio que a flexibilidade intelectual – e moral – de um exercia sobre a natureza pesada do outro. Eram de Flávio a iniciativa das brincadeiras, das artes, das conversas, e para ele a melhor parte em tudo (PEREIRA, 2006, p. 44).

O trecho acima é exemplar da atração de Artur por Flávio. Sobre aquele, é notória que a fascinação é gerada, além do plano das idéias que ele considera ‘a melhor parte’, sobre a conduta moral. Esse moralismo era construído sobre o jogo de aparências, uma vez que Flávio “em amor, adotara o preceito de que se pode ousar tudo, desde que não se conte nada” (PEREIRA, 2006, p. 45). Nas relações sociais travadas no decorrer da história, põe-se em relevo que é da organização da família que brotam as máscaras sociais. Nesse sentido, Artur conhecia as idéias de Flávio, não as suas práticas, e nessa relação, o domínio pela palavra fascina tanto Artur quanto Maria Luísa. É a própria protagonista quem assume ser seduzida pelas suas idéias e não pela sua conduta.

A gênese do deslumbramento que Flávio exercia sobre Artur pode ser interpretada como sentimento de inferioridade, dada a origem modesta deste último. O mesmo Artur sentia-se ‘rebaixado’ diante da esposa, inclusive, por possuir uma família que não tinha origens nobres. Quando formados, Flávio matricula-se na escola de Direito, enquanto Artur foi para o balcão, ajudar o pai. Nessa relação de submissão a ambos, trata tanto Maria Luísa quanto Flávio como seus senhores. Sobre o servilismo ao amigo, comenta o narrador:

quando, raramente, o escravo se recusava a obedecer, tinha veleidades de revolta, o tiranete, mais fraco fisicamente, injuriava-se sem piedade, espezinhava-lhe o amor próprio, lançava-lhe em rosto o avô emigrante, a profissão do pai, a modéstia da vida e a inferioridade de inteligência. Artur sofria calado; intimamente, achava que o amigo tinha razão e que lhes fazia muita honra, a ele e aos seus, hospedando-se em sua casa. Um menino de luxo, que tinha cavalos de sangue e roupas vindas da Europa! (PEREIRA, 2006, p. 44-45).

Mais uma vez fica evidente, na opinião do narrador, um traço das relações sociais do período, a fragilidade nos vínculos afetivos e a valorização das relações de amizade com pessoas de melhor condição financeira visando às facilidades e ao reconhecimento social.

De maneira assaz peculiar àquela que Artur espelhava em Flávio, este também necessitava do amigo para ratificar seu modo de ser. O longo trecho abaixo explicita bem o sentido dessa presença na vida do sedutor:

É que, na verdade, ele lhe era indispensável. Fizera do colega de outrora, do escravo de sempre, o seu *fac-totum*. Ainda nesse ponto seguia as pegadas do pai. Seria muito dizer que o estimava. Mas habituara-se a ele; representava, na sua vida, o papel de um móvel cômodo e útil. Onde guardava os negócios e onde despejava os aborrecimentos. Era essa coisa sem preço, e tão rara: uma pessoa para quem nunca se é ridículo, nem importuno. Junto de quem se poderia elogiar sem sentir as palavras caírem no chão, pesadamente, como corpos numa atmosfera rarefeita. E se deixar ir a algumas confidências, sem que estas lhe voltassem, como bolas de borracha (PEREIRA, 2006, p. 45).

Vê-se que tanto Artur quanto Flávio necessitam da presença um do outro para se fortalecerem como homens. Flávio não nutre nenhum tipo de sentimento por Artur, mas vê nele um objeto que se presta a projetar a sua imagem de superioridade. No contexto da obra, a masculinidade vai sendo construída socialmente, através das provações de comportamento e, principalmente, nessa relação de alteridade.

Com a volta da viagem de Flávio depois de 13 anos, Artur reanima sua amizade com um encontro no hotel em que o outro está hospedado. Após o casamento, Artur acreditava que agora estava, “inconscientemente armado contra o jugo sedutor do amigo”, entretanto, “tinha medo do domínio de outrora e da reprovação da esposa”. Flávio estava com suas economias comprometidas, motivo que o

trouxera ao Brasil, enquanto Artur granjeava fama, dinheiro e prestígio e sentia-se numa condição privilegiada em relação ao amigo. No plano material, Artur havia se aproximado do velho Flávio que conhecera. Renascida a mesma fascinação pelo amigo, Artur então se vê criticado pela postura severa da esposa e pela vida familiar que levava. Essa crítica do amigo sedutor insufla a coragem de Artur, numa tentativa de mostrar-se capaz de reagir às imposições da esposa. Uma travessura do filho, desculpada pelo pai e punida pela mãe, associada à crítica do amigo, encoraja-o a explodir contra a atitude da esposa. Artur, que era “incapaz de fazer mal a uma mosca” lança recriminações sobre a esposa. Ela “buscara simplesmente cumprir o seu dever para com um filho que a fraqueza paterna ameaçava estragar. E, aliás, não era ela quem dirigia, quase só, a educação dos filhos?” (PEREIRA, 2006, p. 50). O trecho põe em evidência a fraqueza masculina ao passo que confirma o dever feminino da educação dos filhos.

Horrorizavam a Maria Luísa as recriminações, para ela, infundadas e insultuosas do marido. “Não a acusara de humilhá-lo diante dos filhos? De lhe fazer levar vida intolerável, espeznhado e desconsiderado na própria casa? De desprezá-lo, por sua origem modesta? E, não contente com isso tudo, de tentar separá-lo dos poucos amigos que tinha?” (PEREIRA, 2006, p. 50). Tais acusações do marido lhe trouxeram uma sensação “horrível de dualidade, de solidão, como se estivesse arrancado uma parte dela”. Mesmo que tenhamos notado em outros momentos a protagonista se queixando da postura passiva do marido, o seu sentimento diante da reação deste é a de que, para ela, os dois só seriam um todo organizado e coerente se compusessem ela – o lado ativo, e ele- o lado passivo.

Parecia estranha a Maria Luísa a “eclosão da personalidade oculta” do marido. Fizera-a refletir sobre a sua conduta até então. Não pensava em separação, mas

era apenas o modo de sentir que mudara. Uma concepção. Um ponto de vista todo íntimo. Adquirira, em relação ao esposo, liberdade de espírito, porque o considerava agora como uma personalidade distinta da sua. E não mais unicamente como seu marido, um pedaço do seu ser, portanto. Tão imprescindível e imutável como os seus olhos ou as suas mãos (PEREIRA, 2006, p. 51).

Percebe-se, na protagonista, novo modo de ver o marido. O rompimento com aquele equilíbrio aparente da relação familiar a fez notar nele uma característica própria. “Tinha de reconhecer que se iludira sobre Artur, e, portanto, sobre o casal que formavam, sobre a sua existência toda” (PEREIRA, 2006, p. 57). A desavença com o marido a havia abalado. “E, não havia como negá-lo, estava desorientada. Sentia-se outra. Desinteressada de tudo. Mas não guardava rancor de Artur; nem era a perda de seu carinho submisso de antes que a entristecia [...]” o que morrera fora a “certeza de não errar. De ter dirigido a sua vida pela única trilha perfeita. A certeza da superioridade que todos lhe reconheciam. E da segurança de felicidade dada por sua conduta inatacável” (PEREIRA, 2006, p. 56-57). Esse espelho, Flávio, refletindo nas individualidades e na deturpação dos juízos preestabelecidos na vida do casal, foi minando as certezas e as seguranças com que se estruturou a vida doméstica.

Artur continuava a ser seduzido pelo amigo, “consertava-lhe as finanças e a vaidade”. “Não tinha forças para resistir a Flávio – como seria ridicularizado se lhe fosse dizer que isso não ficava bem a um chefe de família!” (PEREIRA, 2006, p. 63). Pela inquietação da personagem, fica claro o embate entre o domínio do amigo e da esposa, além da preocupação com a opinião social. Por outro lado, “Flávio necessitava de sua presença. E para que nascera Artur senão para acompanhá-lo [...] O *fac-totum* adquirira uma qualidade a mais: fazia as vezes de espelho mágico, onde mirava, fúlgida e nítida, a imagem do Flávio que fora” (PEREIRA, 2006, p. 61). Deixando de lado os traços do conquistador espanhol do qual se aproxima Flávio, as palavras acima nos rememoram das características do mito



de Narciso e nos conduz a um salto maior, a fim de conhecer alguns precedentes da personagem de Lúcia Miguel. Enquanto Narciso é filho de uma ninfa violentada por um Deus aquático, o herói de *Maria Luísa* também não se origina de uma família organizada, mas de uma traição de sua mãe ao esposo, um marinheiro. Narciso, por ser muito bonito, não ama ninguém, mas todos o amam. A descrição de Flávio não mostra a sua beleza, contudo são atribuídos a ele muitos outros predicativos como a delicadeza, a intelectualidade, a sedução e o dinheiro. Narciso apaixona-se por si mesmo, olhando a sua aparência física no lago, e nessa direção, Naomi Segal acrescenta que este lago também apresenta o aspecto vítreo de um espelho, já que o personagem mítico “apaixona-se pela única criatura que não pode retribuir fisicamente o sentimento” (SEGAL, 1997, p. 228).

Assim como Narciso, Flávio, para gostar de si mesmo e reconhecer-se como homem provido das características que, no passado, o enobreceram, precisa de que Artur comporte-se como o lago, refletindo a sua imagem. Em trecho anteriormente citado, Flávio realça a ausência de sentimento pelo amigo, além de conquistar sem ser conquistado por nenhuma mulher. Com isso, pode-se pensar que o sentimento afetivo fosse nutrido, como Narciso, por si mesmo. Com bastante sutileza, pode-se notar a referência ao mito, nessa questão, quando o narrador afirma que Flávio, “julgara poder parar, fixar-se na posição de rapaz elegante, seduzido ele próprio pelo seu poder de sedução” (PEREIRA, 2006, p. 61).

Na relação de alteridade entre Flávio e Artur, este último também se vê através do primeiro. Nessa narrativa, as personalidades são construídas e reveladas através de um contato constante de uma personagem com a outra, alternando-se a posição do espelho. Neste sentido, tanto Flávio quanto as demais personagens, em certo momento, materializam um grande espelho na narrativa, e através deste espelho, direta ou indiretamente, são refletidas as distintas personalidades. Admitindo essa ação do amigo sobre ambos, destaca Artur que, “de qualquer modo, ou influenciando sobre ele, ou sobre Maria Luísa, ele os separava”, e seu retorno à Europa restabeleceria a paz e traria de volta seu antigo ídolo.

Decididamente, Maria Luísa o modificara muito [...] Agora que estava casado e tinha o seu meio, sentia que não era nele o lugar do antigo ídolo. Foi-lhe preciso ver juntos a mulher e o amigo para compreender que as suas preferências iam para o modo de vida desta. Menos elegante, talvez, porém mais respeitável. E sobretudo mais tranquilo. (PEREIRA, 2006, p. 93)

O trecho em destaque expõe, mais uma vez, a adequação do discurso tradicional impresso no romance em questão quando ressalta a preferência de Artur pela vida familiar, como o fez Maria Luísa, mesmo após ter contato com novas realidades, convencendo-se de que o melhor é seguir o caminho imposto pelas antigas regras. Contrastando com o dito em citação anterior sobre a ação de Flávio sobre si e sobre a esposa, Artur, numa postura masculina bastante convencional, nega a influência do amigo sobre seu comportamento, suas infidelidades e festanças, e acrescenta, “sou um homem, e devo saber o que faço. A culpa foi toda minha” (PEREIRA, 2006, p. 104), e, conclui, como a esposa, que a trajetória que o homem e a mulher devem seguir é a trilha da educação tradicional. De acordo com Maria Luísa, o marido “cairia logo em si”, admitindo ser o presente delineado por um passado patriarcal.

Nessa dialética dos comportamentos, o que se percebe é que as identidades pessoais estão em constante (des)agregação, e que, a partir dessas mediações entre um e outro personagem, o narrador ou a autora procura mostrar ao leitor as virtudes da vida doméstica, religiosa e nutrida pela aparência social. Interessante observar o discurso androcêntrico emergindo das páginas literárias, o qual apresenta-se ambíguo, pois são apresentados perfis de homens e mulheres bastante distintos, um

forte, outro fraco, uma vulnerável, outra severa. Neste intento, deparamo-nos com sujeitos em construção com suas identidades, como se mostrando que a mesma sociedade é capaz de agregar e conceber diferentes perfis de masculino e de feminino. O discurso proferido pelo narrador e pelas personagens é, de fato, contraditório, epifânico, revelador de identidades em formação, em que uma postura se constrói ancorada na idéia e na prática do outro.

Logo, Artur se torna convicto do encantamento irrefutável de Flávio sobre ele e sua esposa. “Não por ele, pois Maria Luísa não seria capaz de prestar atenção particular a homem nenhum. Mas pelas idéias que sugeria, quase sem o querer. Pelo ambiente de graça, de finura, de elegância que criava em torno de si. Maria Luísa não podia ter escapado à sua influência, como também ele, Artur, não escapava” (PEREIRA, 2006, p. 91). Com a constatação das fraquezas e das vulnerabilidades das personagens, sendo influenciadas pelas práticas e pelas idéias do ‘outro’ vê-se que o discurso de *Maria Luísa*, embora intente reafirmar as teorias patriarcais, assentadas na educação da autora, coloca-as em questão e em choque consigo mesmas, sinalizando a vulnerabilidade de suas regras.

## REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. *Um é o outro*. Trad. C. Gomes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CARDOSO, Patrícia da Silva. Os nomes e o nome da mulher. Pós-fácio de: PEREIRA, Lúcia Miguel. *Ficção reunida*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2006.

NYE, Andrea. *Teorias feministas e as filosofias do homem* Trad. Nathanael C. Caixeiro Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 1995.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Maria Luísa*. In: PEREIRA, Lúcia Miguel. *Ficção reunida*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2006.

SEGAL, Naomi. Eco e Narciso. In: BRENNAN, Teresa Org.. *Para além do falo: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher*. Trad. Alice Xavier Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 1997. Coleção Gênero Vol. 4. p. 225-249.

EDWIRGENS APARECIDA RIBEIRO LOPES DE ALMEIDA- graduada em Letras/Espanhol pela UNIMONTES, mestre em Literatura Brasileira pela UFMG, doutoranda em Literatura pela UNB, doutoranda em Literatura espanhola pela USP. Autora do livro *Crítica, poética e relações de gênero: uma releitura de Memórias de um sargento de milícias*, organizadora do livro *Nas Margens do fato- escritos sobre as Novelas, de Cervantes*, escritora de vários artigos acerca das relações de gênero na ficção da literatura brasileira e espanhola. Atualmente, desenvolve pesquisas sobre gênero e feminismo em Miguel de Cervantes e Lúcia Miguel Pereira, na Unimontes, onde atua como docente do Departamento de Comunicação e Letras.